SOBRE ENSINAR, APRENDER E TRANSFORMAR: CARTAS DE UMA BONECA VIAJANTE

Suzana Feldens Schwertner
Psicóloga, Doutora em Educação,
Docente da Univates.
suzifs@univates.br

Morgana Domênica Hattge
Pedagoga, Doutora em Educação,
Docente da Univates.
mdhattge@univates.br

Duas professoras universitárias e um desejo de aprender e ensinar e nesses processos transformar(-se). Assim nasce este texto. Ensino, aprendizagem e transformação em questão. O cenário: o desafio colocado pelo *II Seminário Currículo, Espaço, Movimento: ensina-me que te aprendo*, organizado pelo Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM), no ano de 2016, na Universidade do Vale do Taquari. O propósito: discutir os conceitos de ensino e de aprendizagem em uma mesa-redonda dirigida a um público formado por acadêmicos da área das licenciaturas, professores da Educação Básica e do Ensino Superior e demais interessados.

Nas reuniões de planejamento, regadas a café e amizade, estudo e cumplicidade, e que perpassaram por uma infinidade de elementos da arte, como literatura, cinema, música, chegamos na história de Kafka e da boneca viajante[6]. Por meio dela, atravessando esta história, percorreremos uma discussão que permanentemente nos colocamos: os processos de ensino e de aprendizagem no universo escolar contemporâneo. Ainda que muito se reflita sobre a amplitude dos espaços de aprendizagem na atualidade e a multiplicidade de processos de ensino que atravessam as figuras do professor e do estudante – e para além deles – destacamos que toda esta viagem foi realizada com um olhar para o espaço escolar. É ele o foco de nosso escrito, para que possamos pensar nas potências que ali se desdobram.

Outro ponto importante a ressaltar neste início de escrita passa por atentar para o fato de que aprender e ensinar são elementos diferentes, mas que não se deslindam. Alguém que ensina o faz com a intenção de que outro alguém aprenda. Ou então o faz sabendo o quanto também poderá aprender ensinando. Alguém que aprende, talvez aprenda o que lhe foi ensinado, ou pode aprender o que o ensinante jamais imaginou ensinar. O que talvez seja possível afirmar

6 Livro de Jordi Sierra i Fabra, com ilustrações de Pep Monserrat. As imagens que aparecem neste texto são derivadas das ilustrações presentes no livro.

é que ensinar e aprender podem transformar. Essa é a matéria deste texto, que se organiza em três seções: na primeira, o escrito apresenta com mais detalhes a história da boneca viajante e o que ela nos leva a pensar sobre os processos de ensino e de aprendizagem. A seção seguinte busca visibilizar as relações que percebemos com os conceitos de ensinar, aprender e transformar e suas tessituras entre os lugares de estudante e de docente nestes encontros. Por fim, o texto amarra alguns fios desta trama tão envolvente que é a articulação entre a literatura e processos de ensino e aprendizagem.

HISTÓRIA DE UMA BONECA VIAJANTE

A história que serviu de enlace ao nosso escrito parte de um livro de Sierrai Fabra (2009), cujas personagens principais são a menina Elsi, a boneca Brígida, o escritor Franz Kafka e sua companheira Dora. Meio real, meio ficção (que história seria mesmo real?), toma como ponto de partida uma viagem realizada por Kafka e Dora a Berlim, em 1923, para fins de tratamento de saúde do escritor, que desde 1917 lutava contra a tuberculose. Tendo como objetivo cuidar-se por um longo período, com passeios e descanso prolongado, Kafka iniciou sua caminhada pela vizinhança admirado com a tranquilidade do lugar, especialmente com uma praça próxima ao apartamento em que residia momentaneamente na cidade.

Em um destes passeios, se depara com uma menina que chora copiosamente e não consegue deixar de se admirar com tal cena (Imagem 1). Sutil, suave, dolorido, o quadro composto pela criança tão pequena e sua dor tão imensa e tão intensa o constrange, embaraça e desperta sua curiosidade – ao mesmo tempo em que o mobiliza: algo precisaria ser feito.

Imagem 1: Kafka encontra a menina



Fonte: Kafka e a boneca viajante (2009).

Trata-se do encontro inesperado entre um grande escritor e Elsi, a menina que acabara de perder sua boneca e se mostrava desesperada. Kafka, comovido com a cena, inicia uma conversa, sentindo-se comprometido em aplacar aquela dor. Pergunta-se, internamente, o que elaborar para aquele momento tão inesperado e recorre ao seu mundo criativo. O singular e misterioso enigma logo se transparece para Elis na voz acolhedora de Kafka: tratava-se de uma boneca viajante! Ao silêncio que se seguiu a esta informação, o autor compreende que andou pelos trilhos do engajamento: a menina havia parado de chorar! Ao mesmo tempo, mostrou-se atenta e sedenta de informações, tal como todas as crianças se mostram desde pequenas: como assim, a boneca viajou? Para onde ela foi? Por que não me falou nada? Onde estaria Brígida naquele momento?

Kafka se apresenta como um trabalhador especial, uma profissão que poucos conhecem: um "carteiro de bonecas". Explica Kafka que são criaturas especiais estes carteiros, porque precisam entregar em mãos as cartas e uma vez que as crianças pequenas ainda não conseguem ler, eles leem em voz alta para elas. E era este o motivo de estar ali: informar à dona que Brígida viajara.

A partir de então, o autor se compromete a produzir cartas diárias, durante três semanas e conta com a ajuda de sua companheira, Dora, professora, que o incita a exercitar seu cuidadoso trabalho, atento aos mais singelos detalhes. Trata-se de um trabalho de pesquisa exploratório – como conhecer mais sobre as bonecas e a paixão das crianças por tais brinquedos? O que uma boneca contaria a uma criança sobre sua viagem pelo mundo? Por que ela teria abandonado Elsi? – no qual o autor mergulha com dedicação e afinco, varando madrugadas na produção de um texto especial. No dia seguinte, muitas vezes cansado, exausto, encontra-se pontualmente com Brígida na praça, no mesmo banco, onde ambos sentam para iniciar a leitura da carta enviada pela boneca (Imagem 2). Questionando-se sobre a aventura iniciada, o carteiro de bonecas pergunta sobre o envolvimento em uma história ficcional, mas "[...] a esperança era mais necessária do que a realidade" (SIERRA I FABRA, 2009, p. 24).

Imagem 2: O carteiro de bonecas lendo a carta de Brígida



Fonte: Kafka e a boneca viajante (2009).

As cartas chegam, então, diariamente, dos mais diversos pontos do mundo: Londres, Paris, Viena, Veneza, Moscou, Espanha. Elsi não questiona de que modo sua querida Brígida poderia escrever um dia da Grécia e no seguinte da Hungria, passando pelo deserto do Saara e pela Índia. Tal como uma criança apaixonada, não se interessa em pensar na concretude e impossibilidade de um pulo direto das muralhas da China para Tóquio ou de Nova Iorque a Bogotá. Como ressalta Sierrai Fabra (2009): "O que aconteceu é tão belo em si mesmo que o resto carece de importância" (p. 125). Apaixonada pela sua boneca, o que conta é o amor e a atenção que aquela lhe dedicava inteiramente, escrevendo do México, de Havana, Hong Kong ou Egito. O bonito era as histórias que ela contava: ah, e quantas histórias! Até o momento em que chega na Tanzânia, onde Brígida se instala, fica noiva e casa.

Kafka entendeu que "com criança não se brinca": dedicou-se inteiramente a este novo projeto, com uma pessoalidade tão intensa, que não conseguiu mais se desfazer de algo tão revelador de si mesmo. Iniciou um jogo que não poderia parar no meio: foi igualmente com a ajuda sempre preciosa de Dora que Kafka precisou finalizar esta aventura, presenteando Elsi com uma nova boneca, chamada de Dora, que conta sobre sua modificação a partir das viagens, sobre sua transformação.

APRENDER, ENSINAR E (TRANS)FORMAR

Tomando como inspiração a história de Kafka e a boneca viajante, passamos a estabelecer relações entre os processos de ensino e aprendizagem que se desenrolam especificamente no ambiente escolar. Nesta relação Kafka, pode-se dizer, ocupa o lugar do professor e Elsi, o lugar de aluna.

Esse professor que Kafka se tornou ao conceber a história da boneca viajante foi alguém extremamente comprometido com a tarefa a que se propôs. Tal qual um docente que planeja cuidadosamente a sua aula, Kafka pôs-se a elaborar com todo esmero as cartas para Elsi. Tal como uma estudante que espera a aula a ser ministrada pelo seu professor, Elsi aguardava com ansiedade os escritos de sua amada boneca, a lhe contar suas aventuras mundo afora. Mas não se caracteriza aí uma posição passiva por parte da Elsi. Seus questionamentos, suas reflexões, conclusões e provocações tornavam a menina co-protagonista, junto com Kafka, na criação das histórias de Brígida, de modo que a postura da menina Elsi, como aluna, neste caso, foi sempre um engajamento ativo, participativo e criador.

Kafka e Elsi estavam engajados em um mesmo projeto. Cada qual com suas funções, cada qual com sua forma de atuação, mas com igual paixão, com fervor cumplicidade. Kafka e Elsi embarcaram na mesma viagem, tal como nos ensina Larrosa (2001, p. 144-145):

> A amizade que cria a lição é a amizade cúmplice daqueles que foram mordidos por um mesmo veneno. [...] A amizade consiste em haver sido mordidos e feridos pelo mesmo, haver sido inquietados pelo mesmo.

Mordidos e feridos pelo mesmo veneno; inquietados pelo mesmo enigma, Kafka e Elsi constroem, juntos, uma história para Brígida, que se mistura com a história da vida de Elsi e que (trans)forma as vidas de Kafka e Elsi.

Absorto em sua tarefa, Kafka observava as bonecas de outras crianças, percebia suas relações afetuosas, buscava entender como as meninas brincavam com elas. Conversou com a vizinha, Sra. Hermannn, que tinha uma filha da mesma idade de Elsi – até então, nunca havia conversado com vizinhos (Imagem 3). Foi em busca de selos guardados para dotar de autenticidade as cartas e após, quando Brígida se aventurou por inúmeros continentes do mundo, teve que ir atrás de selos usados em uma filatélica. Sentia a felicidade pelo trabalho bem feito, vivenciada o prazer de seu ofício bem entendido. Dora, sua parceira, evidenciava a tarefa de Kafka: "Para dar aula, é preciso ter muita perspicácia" (SIERRA I FABRA, 2009, p. 113).

Imagem 3: Kafka, o escritor, pesquisa sobre bonecas



Fonte: Kafka e a boneca viajante (2009).

Já a menina também desempenhava seu papel. Estava lá, todo o dia, pontualmente, no mesmo lugar: ela também se planejava para ir ao parque no mesmo horário; para elaborar perguntas ao carteiro de bonecas, exercitando uma escuta atenta, aproximada, interessada – o que nos remete à ideia de cumplicidade (Imagem 4). Além disso, Elsi interpela Kafka sobre questões por ele inimagináveis: o que ele fazia mesmo antes de ser carteiro de bonecas? Por que escolheu esta profissão? E será que ela poderia responder às cartas de Brígida? Perguntas às quais o autor não sabia o que ou como responder, pois Kafka não havia pensado nisso: segundo ele, as crianças "[...] estavam muito à frente dos adultos" (p. 53). Elsi produzia, assim, as impertinências da criança/estudante, criando modos peculiares de levar o professor a aprender – e a estudar!

Em tempos em que a palavra ensino se encontra muitas vezes "interditada"; em tempos de um professor mediador, que aparentemente não ensina nada, olhar para a história de Kafka e Elsi nos faz lembrar que o processo de ensinar não precisa ser impositivo e limitador das potencialidades dos sujeitos. Pelo contrário. Não se trata de um sujeito ativo que ensina e um sujeito passivo que aprende. O que temos aqui são dois sujeitos que protagonizam a história e a criam com envolvimento e verdade:"O fundamental numa relação como aquela era a cumplicidade" (SIERRA I FABRA, 2009, p. 62).

Imagem 4: Encontros entre Elsi e o carteiro de bonecas



Fonte: Kafka e a boneca viajante (2009).

(TRANS)FORMAÇÃO

> Ah, as crianças são traidoras! Surpreendem com o melhor e mais puro de si mesmas! Conseguem dar afeto com uma facilidade que chega a assustar! E, num mundo sempre a ponto de naufragar, que se movia no fio do egoísmo, da incerteza e da crueldade humana, todos sabiam que isso era perigoso. Uma criança tanto podia matar com sua sinceridade como atravessar com seu desembaraço os espessos muros da consciência (SIERRA I FABRA, 2009, p. 68).

É por meio da noção de "traição das crianças" que iniciamos os lampejos finais deste texto. Escrito que se propôs pensar sobre (trans)formação e docência, sobre ensino e aprendizagem, sobre possibilidades de encontros (mais do que) necessárias ao ato de ensinar. Traição no sentido de criação: trair passa por subverter as ordens, as lógicas, o compreensível: trair o egoísmo, a incerteza, a crueldade; eis a função da criança (do estudante?) – e isso é perigoso! Ou melhor: contagioso!

O adulto, Kafka, se contagiou pela sinceridade, pelo sentimento genuíno de compartilhar, de se dedicar e de amar: colocou naquela relação um quantum de energia que o tornou, com isso, cúmplice daquele "crime". Cúmplice no

sofrimento, cúmplice no enlace, parceiro de viagem e companheiro nos encontros. Chegado o momento da despedida (Imagem 5), Kafka presenteia Elsi com uma nova boneca, transformada: as viagens a modificaram, não pode mais continuar sendo a mesma Brígida. As palavras do autor, na despedida, teriam sido estas: "Brígida teve em você a melhor professora. Você a ensinou a não ter medo e a enfrentar a vida quando for preciso. Por isso acho que deveria se sentir muito orgulhosa" (SIERRA I FABRA, 2009, p. 52); às quais Elsi responde: "Eu a ensinei a ser feliz" (p. 91).

Por fim, não foi somente a boneca Brígida que viajou e se transformou: foram os dois, Kafka e Elsi, que se aventuraram, inteiros, em busca de um encontro. Este parece ser o convite a professores e estudantes: arrisquem o encontro, embarquem na viagem. E aqui arriscamos articular: eis a potência na escola – viajar juntos! Quando a dupla professor/estudante se ensaia em conjunto nesta partilha/partida, o que entra em jogo é a esperança; nas palavras da autora, aquilo "[...] que há de mais sagrado na vida (SIERRA I FABRA, 2009, p. 32).

Imagem 5: A despedida



Fonte: Kafka e a boneca viajante (2009).

Conta a história que Kafka morreu um ano depois deste episódio (em junho de 1924), com 41 anos. Seu amigo, Max Brod, contrariando a solicitação de Kafka, não queimou seus escritos e seguiu com a publicação das obras O Processo (1925); O Castelo (1926); O Desaparecido (1927). Ao final do livro, Sierra i Fabra (2009) ressalta que o que o autor fez foi "recuperar um ser humano" (p. 112), colocando nos lábios de Kafka a seguinte pergunta: "Salvar uma menina não era salvar o mundo?" (p. 74).

Pensamos também como este envolvimento de Kafka não salvou apenas a menina, mas a si mesmo, recuperando o seu lado ser humano – pois estar em uma relação nos coloca igualmente diante de nós mesmos. Assim como a docência, na escola, nos coloca diante de um outro e em constante atenção conosco, em um encontro singular.

REFERÊNCIAS

BENATAR, May. Kafka and the doll: the pervasiveness of loss. **Huffpost**, 10 mar.. 2011. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/may-benatar-phd-lcsw/kafka-and-the-doll_b_981348.html>. Último acesso: 09/09/2017.

SIERRA I FABRA, Jordi. **Kafka e a boneca viajante**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.